

NÔ PINTCHA



ORGAO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

Resultados provisórios do recenseamento geral da população A Guiné-Bissau tem 777.214 habitantes

A população (provisória) da Guiné-Bissau é de 777.214 habitantes, sendo 402.188 mulheres e 375.026 homens. Como se pode ver, há mais mulheres que homens.

A cidade de Bissau tem 109.486 habitantes, o que representa cerca de 14 por cento da população total do país. A população das regiões do país, é a seguinte: Bafatá, 117.202; Biombo (ex-Bissau), 57.724; Bolama-Bijagós, 25.713; Buba, 35.360;

Cacheu, 134.108; Gabú, 105.500; Oio, 137.595 e Tombali, 54.526.

Os resultados definitivos serão publicados no início do ano de 1980. Estes resultados são provisórios porque foram apurados manualmente e apresentam apenas cifras globais. Os resultados definitivos serão apurados eletronicamente, por intermédio de computadores e podem apresentar pequenas correções em

relação aos que agora apresentamos.

O nosso recenseamento foi preparado minuciosamente, em bases científicas. Contamos para isso com a ajuda técnica e financeira das Nações Unidas. Os trabalhos de cartografia e outros preparatórios duraram mais de um ano.

Convém sublinhar que o nosso recenseamento foi um modelo para a África e mesmo para paí-

ses de outros continentes mais desenvolvidos. O inquérito às populações, os apuramentos provisórios e mesmo a publicação dos resultados definitivos, são operações que se estão a fazer em tempo «record» e que confirmam a boa organização do nosso Departamento de Recenseamento e o êxito que obtivemos nessa tarefa, que é de grande envergadura.

A situação do estudo da demografia da nossa

terra, no tempo do colonialismo, era bastante precária. O único recenseamento que os colonizadores portugueses fizeram, e que se pode aproveitar para efeitos de estudos e projecções, foi o de 1950. Nesse ano foram recenseadas 517.290 pessoas, das quais apenas 8.320 constituíam o núcleo do que os colonizadores chamavam «população civilizada».

Lima Gomes na Jugoslávia

Durante a sua visita que efectua à Jugoslávia, o camarada Alberto Lima Gomes, Comissário de Estado das Obras Públicas, Construções e Urbanismo, foi recebido na quinta-feira passada em Belgrado pelo vice-presidente jugoslavo Lazar Kolisevski.

As conversações entre os dois dirigentes incidiram no reforço das relações entre a Guiné-Bissau e a Jugoslávia, nos domínios económico, científico e técnico.



Lazar Kolisevsky vice-presidente da Jugoslávia que recentemente visitou o nosso país

Delegação do Comissariado do Interior visita a URSS

(Pág. 2)

Ghana Um futuro incerto

(Pág. 7)

Nacionalização de terras em Moçambique

(Pág. 8)

Uganda: oito mortos durante a manifestação anti-Obote

KAMPALA — A Frente Nacional de Libertação do Uganda (FNLU) afirmou ontem que o problema não era nomear o antigo presidente Milton Obote (que se encontra na Tanzânia) «presidente, vice-presidente ou ministro no governo provisório».

Esta declaração foi feita um dia depois das violentas manifestações que se registaram em Kampala, durante as quais milhares de pessoas protestaram contra a substituição

de Yusuf Lule por Godfrey Binaisa na chefia do governo. Parece que os manifestantes, oito dos quais morreram e cerca de 20 ficaram feridos, receiam que a nomeação de Binaisa permita o regresso ao país de Milton Obote, derrubado por Idi Amin em 1972.

Numa longa declaração na qual justifica as suas decisões, a FNLU lembra que nos próximos dois anos, a contar da queda de Idi Amin, o partido

(dirigido pelo conselho consultivo e pelo conselho executivo) é que era responsável pelo governo do Uganda. Indicou que Obote pode regressar e que seria tratado com o respeito devido à sua qualidade de antigo presidente.

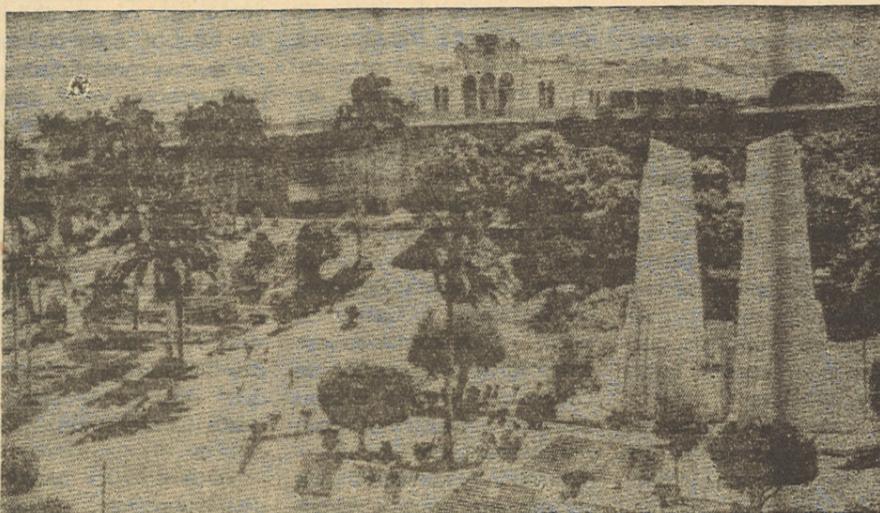
As autoridades ugandesas afirmaram anteriormente à tarde que o novo governo controla inteiramente a situação em todo o território e que tinha

«o apoio completo da população».

Num comunicado difundido pela rádio-Kampala, a FNLU desmente uma declaração do ex-presidente Lule de que foi «forçado a demitir-se». A frente afirmou que Lule foi demitido das suas funções por um voto do conselho consultivo e só depois disso é que ele anunciou publicamente a sua demissão.

(Continua na página 8)

Países andinos condenam Somoza



«Nenhuma solução é possível na Nicarágua sem a exclusão definitiva do regime de Somoza» — afirmaram anteriormente os cinco países membros do Pacto Andino (Venezuela, Perú, Bolívia, Colômbia e Equador)

Professor brasileiro fala sobre Oceanografia

É esperado na próxima semana em Bissau, para uma visita de cinco dias ao nosso país, o director do Instituto de Pesquisas da Marinha Brasileira e da Fundação dos Estudos do Mar, almirante Paulo de Castro Moreira da Silva.

Respondendo ao convite que lhe foi dirigido pelo camarada Joseph Turpin, Secretário de Estado das Pescas, o almirante brasileiro que é também professor universitário, proferirá, na capital, palestras sobre Oceanografia, Biologia Marinha, Aquicultura e Exploração do Mar, para os alunos do Liceu Nacional Kwame

N'Krumah e trabalhadores do sector das pescas.

O professor Paulo Moreira da Silva visitará instalações das diversas sociedades mistas e Projecto da Pesca Artesanal em Bubaque, a fim de melhor se inteirar das realidades da Guiné-Bissau no domínio das pescas. Esta visita insere-se no quadro da cooperação entre os Governos da Guiné-Bissau e da República Federativa do Brasil. Saliente-se que dentro deste espírito encontram-se presentemente no Brasil, universitários guineenses que daqui a poucos dias estarão formados nas diversas especialidades ligadas à pesca.

„1 de Julho,, aproxima-se -vamos plantar árvores

Aproxima-se o dia 1 de Julho. Portanto, vamos começar já hoje, cada um de nós, a deitar à terra uma semente de laranja, tangerina, goiaba, papaia, manga, ou de outra árvore qualquer, para que germinem no dia 1 de Julho, pois é o Dia da Árvore.

Eu proponho este despique a todo o povo. Porém, talvez haja alguém a querer saber qual será o prémio. Pois bem — esse prémio será atribuído a todos os participantes, pelas gerações vindouras, como agradecimento pela nossa preocupação com a segurança da sua existência.

Todos nós sabemos o quanto se tem aproximado de nós o deserto de Sara, na sua «louca avançada» para a destruição de uma grande parte do continente africano. No nosso país já começámos a sentir a sua aproximação. Temos, por exemplo, as regiões de Bafatá e Gabú, no Leste, onde a vegetação está a desaparecer ano após ano. Por outro lado, o nosso Estado, alarmado com este perigo, tem desenvolvido campanhas de plantação de árvores, e tem procurado combater as queimadas provocadas pelos lavradores e caçadores, principais responsáveis pela desertificação.

Destruir árvores é uma espécie de crime na nossa época. Mas semear uma árvore, na nossa casa, ou em casa de um amigo, é, sem dúvida, um gesto de humanismo, de que qualquer pessoa se pode orgulhar como bom cidadão deste país.

De certeza que ninguém gostaria de viver num deserto. É claro que, nem eu, nem você, e nem os nossos filhos viveriam no deserto da Guiné-Bissau. Mas, se continuarmos alheios ao perigo ou a tentar combater, só com palavras, a desenfreada destruição da natureza, que se processa no interior do nosso país, de certeza que os nossos netos e bisnetos sentirão as «vertigens» de viver no deserto.

Portanto, vamos plantar árvores e vê-las crescer. Bem pensado, isso até se tornaria um jogo muito interessante, além de muito depressa saborearmos os frutos de uma árvore ou o fresco e aconchego de uma sombra no nosso quintal. Acho que você, camarada leitor, ou melhor, todos estão de acordo com a minha proposta. Sendo assim, então mãos à obra, porque isso também é uma forma de Reconstrução Nacional.

FUNDUNGO

NOTA DA REDACÇÃO — Por lapso de paginação, a carta inserida na última edição do «Nô Pintcha» sob o título: «Criança salva por um fio», não incluiu o nome do leitor que a subcreveu com o pseudónimo de N'DOUBA BIAGUE

Entregue à Escola de Formação de Brá a "Bandeira Vermelha" do PSUA

A Escola de Formação Profissional de Brá, implantada no nosso país, em 1976 pela «Brigada Amílcar Cabral» da FDJ, organização juvenil da RDA, recebeu no princípio deste mês, a «Bandeira Vermelha» de honra. Este distintivo foi atribuído à Escola, no quadro da grande emulação realizada na Alemanha Democrática, e da preparação dos festejos do 30.º Aniversário da fundação da República. Nessa emulação, 100 bandeiras vermelhas atribuídas pelo Comité Central do PSUA, foram disputadas por 27 mil brigadas dos trabalhadores da RDA que trabalham no país e no estrangeiro.

O chefe da «Brigada Amílcar Cabral», Martin Triebel deslocou-se positivamente à RDA, onde recebeu a bandeira, das mãos do Secretário-Geral do PSUA, Erich Honecker, durante o Festival Nacio-

nal da Juventude. E para celebrar este acontecimento, que coincidiu com o 3.º aniversário da fundação da Escola de Brá (12 de Junho), e a finalização do curso por 21 dos seus alunos, a Escola realizou uma festa na noite do dia 15 do corrente mês.

Tomaram parte nessas comemorações, como convidados, vários responsáveis da JAAC, encabeçados pelo seu Secretário nacional, camarada João da Costa; a delegação do CC do PSUA, que na altura se encontrava de visita ao nosso país, a convite do PAIGC, além de representantes da UJC (Juventude cubana) e da Comsomol (soviética) e responsáveis do Comissariado da Educação Nacional. Uma sessão cultural realizada nessa noite, foi abrilhantada pela orquestra nacional «Cobiana Jazz», e por um grupo

teatral da JAAC que apresentou várias peças de danças tradicionais.

O camarada Manuel Ramboult Barcelos, membro do Secretariado Nacional da JAAC, ao usar de palavra nesta ocasião, realçou o grande papel que a Juventude Livre

Alemã (FDJ) tem desempenhado no apoio dos povos em luta pela sua libertação, e concretamente o trabalho desenvolvido pela «Brigada Amílcar Cabral» da FDJ, no quadro da nossa luta de reconstrução Nacional.

Comité das mulheres soviéticas concede um donativo às mulheres da Guiné-Bissau

Numa cerimónia simples, na presença do camarada Otto Schacht, secretário do CNG, procedeu-se na passada quarta-feira de manhã no porto de Bissau, a entrega de uma oferta em produtos de primeira necessidade compreendendo arroz, milho e açúcar, do Comité das Mulheres Soviéticas às Mulheres do nosso país.

Na sua breve alocução, o camarada Viacheslav Semionov, Embaixador da URSS no nosso país, felicitou as nossas mulheres pelos trabalhos da 1.ª Assembleia Nacional recentemente realizada. Falando da vida e da luta das nossas mulheres, o representante soviético no nosso país, acrescentou que ela entrou numa marcha qualitativa e que «nestas actividades nobres elas sempre encontraram apoio».

O camarada Embaixador terminou afirmando que este donativo «é a prova das relações que sempre uniram o Comité das Mulheres da União

Soviética e as Mulheres da Guiné-Bissau».

Em resposta falou a camarada Mariana Medina, membro da Comissão Nacional que agradeceu o gesto das Mulheres soviéticas, que, segundo ela, «simboliza os laços de amizade e solidariedade que sempre ligaram os nossos dois povos e Partidos».

A camarada Mariana Medina reafirmou a total disponibilidade das mulheres da nossa terra, na contribuição que lhes é exigida neste momento.

A terminar, realçou o papel desempenhado pelas mulheres soviéticas no avanço harmonioso da grande pátria de Vladimir Ilitch Lenine e dirigiu uma saudação militante das mulheres da Guiné-Bissau às mulheres da União Soviética afirmando «que com este gesto quiseram mostrar que estão conosco como no passado estiveram prestando apoio que nos permitiu vencer as grandes dificuldades da guerra».

Delegação do Comissariado do Interior na URSS

Em missão do Comissariado de Estado do Interior, uma delegação do nosso Governo, chefiada pelo camarada Luís Correia, director-geral da Polícia e Ordem Pública, seguiu ontem para a União Soviética, a convite do Ministério do Interior da URSS. Nesta sua viagem de 10 dias, para além do reforço dos laços de cooperação entre os dois organismos similares, a delegação do CEI estabele-

cerá contactos para a troca de experiências nos domínios da organização de trânsito e da investigação criminal.

Esta delegação integra ainda os camaradas João Saúl Jacob, responsável regional para a Investigação Criminal, e Massina Djaló, responsável adjunto de Secção Nacional de Trânsito, ambos do Comissariado de Estado do Interior.

Responde o povo

Conferência desportiva nacional — para discutir o quê?

Apesar de ainda não ter data certa, o Conselho Superior dos Desportos (CSD), prevê para o mês, em curso, a realização da primeira Conferência Desportiva Nacional, que visa um debate profundo sobre todos os problemas que o desporto da Guiné-Bissau tem enfrentado nestes primeiros anos do seu arranque.

Dois amantes do desporto falaram para o «Nô Pintcha», e de uma maneira geral, sugeriram para esta Conferência, os problemas da selecção nacional, campeonatos de iniciados, juvenis e júniores, na modalidade de futebol e de outras modalidades, inter-bairro, superstição, faltas de comparência, etc.

PROBLEMAS DA SELECÇÃO E FALTAS DE COMPARÊNCIA

Neste inquérito ao nosso primeiro entrevistado foi um velho desportista de nome José Manuel dos Santos, de 48 anos de idade. José Manuel começou por explicar de que

gosta mais do futebol porque é a única modalidade que pratiquei quando era jovem».

Interrogado sobre os assuntos que gostaria de ver debatido nesta primeira Conferência do desporto, o nosso entrevistado depois de considerar muito importante

esta iniciativa do CSD, disse: «como adepto do desporto que sou, gostaria que esta Conferência debruçasse seriamente sobre o problema da preparação da selecção nacional. Ela não pode continuar a ser improvisada quer dizer, começar a preparação só nas vésperas de qualquer competição, se quisermos ter uma boa representação nacional.

Os jogos entre os menos cotados rendem pouco, porque o público quase que não assiste. Estas fracas receitas fazem com que os chamados «pequenos clubes» se vejam atrapalhados para custear certas deslocções. Ora, para ultrapassar esta situação, penso que a Conferência devia

estudar a possibilidade de o CSD e a Federação Nacional de Futebol passarem a realizar, duas semanas antes do início de cada época desportiva, um torneio que teria como único objectivo, angariar fundos. Na capital, os clubes locais defrontar-se-iam em eliminatórias e os clubes de cada zona, por exemplo o Bula e o Cantchungo, do nordeste, ou ainda Sporting de Bafatá e o Gabú, do Leste, defrontar-se-iam entre si, e o vencedor de cada zona viria a Bissau disputar a fase final, com o representante local — o público aparecerá de certeza em grande número.

Fernando Oliveira, de

39 anos, formularia, por seu lado, a seguinte opinião: «os campeonatos de iniciados, juvenis e júniores na modalidade de futebol, inter-bairros e de outras modalidades — basquetebol, volei, provas regulares de atletismo, judo, superstição no desporto, problemas da falta de transportes, garantia de alojamento das equipas visitantes e de arbitragem, desporto nas regiões e nas escolas, devem, a meu ver, constar na lista dos assuntos principais que irão ser debatidos nesta Conferência».

«Quanto ao problema de transporte, — sublinhou Fernando Oliveira, — a Conferência deve procurar junto da Silô

Diatá, encontrar formas de garantir, durante a época desportiva, transportes para os clubes. No respeitante ao alojamento, sugiro que a Conferência torne obrigatória a concepção de ajuda por parte dos clubes visitados, quer em alojamento ou na alimentação, às equipas visitantes. A superstição tem sido ultimamente uma prática abusiva por parte dos clubes nacionais. É preciso combater isso, porque os nossos jovens em vez de ultrapassarem este mal, fomentam-no.

Os campeonatos inter-bairros se funcionarem em pleno poderão servir, no futuro, de competiçãoes da 2.ª divisão, concluiu.

O país passa a dispôr de 200 enfermeiros para 300 mil habitantes

Sessenta e três novos enfermeiros terminaram na passada terça-feira, a fase de formação intensiva do Curso Geral de Enfermagem, que frequentavam nesta cidade e em S. Vicente desde há dois anos. Os 36 alunos saídos da Escola de Enfermagem da Praia e os 27 de S. Vicente irão agora seguir, ao longo de oito meses, o estágio intensivo de prática profissional, já aproveitados profissionalmente como enfermeiros-estagiários, devidamente integrados na Função Pública e remunerados (4 500 escudos), aumentando assim consideravelmente os recursos humanos nacionais a trabalhar nas estruturas de saúde do país irmão. De cerca de 130 enfermeiros, atingiu-se as duas centenas.

A princípio, na Praia, eram 50 alunos. Doze foram eliminados ao fim do primeiro ano de formação intensiva, outro faleceu e o 14.º «chumbou» já no final deste último ano lectivo. Em S. Vicente, dos 30 iniciais, 27 completaram o curso.

Dos três anos inicialmente previstos, o MASAS e os corpos docentes e directivos das Escolas, programaram dois anos intensivos, tendo, sobretudo, o segundo ano, sido de prática intensiva de manhã, e de aulas teóricas à tarde.

A formação teórica foi muito diversificada, já desde o primeiro ano — anatomia, fisiologia, bioquímica, microbiologia, higiene, patologia geral, alimentação, farmácia ga-

lénica, enfermagem, história da enfermagem, das doenças infecto-contagiosas, enfermagem médica, enfermagem da saúde pública e dentologia.

O segundo ano comportou matérias como cirurgia, enfermagem cirúrgica, obstetrícia e ginecologia, enfermagem obstetrícia, pediatria, psiquiatria e psicologia, enfermagem psiquiátrica, saúde pública, administração hospitalar e farmacologia.

Desenvolvidos com o apoio da Organização Mundial de Saúde pela cedência de monitores e material didáctico da UNESCO na atribuição de três bolsas de estudo para os de Praia e de S. Vicente e do Instituto Caboverdiano

de Solidariedade na atribuição de 10 bolsas de estudo, estes dois cursos de enfermagem deram particular atenção à formação também já prática dos alunos durante a fase intensiva e tiveram em particular consideração os aspectos preventivos da medicina, de enfermagem e de todos os serviços de Saúde. A título de exemplo, o curso teve no primeiro ano, a cadeira de enfermagem da saúde pública, com muitas saídas de estudo, análise e verificação dos conhecimentos teóricos adquiridos nas aulas.

O estágio prático desenrolar-se-á, a partir de agora, ao longo de oito meses em dois períodos distintos. Na Região de Sotavento, os alunos da Escola de Enfermagem da Praia frequentarão quatro meses de estágio no Hospital Central da Praia, indo depois para estruturas diferentes da Saúde, isto é, diversas delegações de Saúde — Santa Catarina, Fogo e Brava. Metade dos alunos fará o circuito inverso, de forma a que todos fiquem preparados para enfrentar os problemas diversificados que se lhes

porão a nível dos diversos campos de trabalho e nas diferentes estruturas, desde um hospital central, ao hospital regional, à unidade sanitária de base, ao posto sanitário e até ao tratamento ambulatório.

O estágio será permanentemente acompanhado e orientado pelos enfermeiros gerais responsáveis pelos sectores, com o apoio dos médicos e, em visitas permanentes e deslocações mensais pelas ilhas, dos monitores-professores do curso intensivo leccionado na escola.

Após esta transformação radical na dotação de recursos humanos adstritos ao trabalho de enfermagem, o próximo ano lectivo estará essencialmente voltado para o acompanhamento do trabalho dos enfermeiros estagiários, o repensar do trabalho teórico desenvolvido, estudo e definição das necessidades nacionais e estruturação e implantação do novo curso geral de enfermagem, a ser ministrado nas duas escolas, só provavelmente no ano lectivo de 1980 e 1981.

Confecções Morabeza em expansão internacional

Apenas quatro meses após o início da fabricação em série, as «Confecções Morabeza» lançam a sua ofensiva no mercado externo. O SITHA 79 (Salão Internacional de Têxteis, Automóveis e Vestuários de Abidjan) marca o primeiro encontro da Morabeza com o grande mundo do vestuário. E para a jovem empresa, inexperiente ainda em tais lides, este salão foi uma agradável surpresa. Contactos pessoais de resultados dificilmente esperados vieram a demonstrar que a Morabeza está no caminho certo. A qualidade e a perfeição dos seus produtos passaram no teste a que foram submetidos pelos conhecedores compradores europeus de que se destacam italianos, holandeses, belgas, suecos e americanos. Por outro lado, as elogiosas referências à sua participação neste certame, preferidas quer pelo presidente da CEDEAO quer pelos responsáveis da Organização do Salão, quer ainda pelos órgãos de comunicação social (televisão, rádio e jornais) demonstraram o caminho e a surpresa que em todos casos a participação caboverdiana, dado o cur-

tíssimo espaço de tempo de vida da empresa e facto de, em Cabo Verde, ainda não existir uma tradição industrial.

Neste momento, decorrem na Morabeza, os trâmites para a concretização ou de encomendas, circunscritos à execução de contra-amostras, envio de amostras, etc.

A segunda parte desta primeira ofensiva e que se desenrolou no seguimento da feira de Abidjan, foi a deslocação à República Popular de Angola. Aqui, os resultados foram

bem mais concretos, esperando a Morabeza vir a executar a sua primeira exportação dentro em breve, bem assim como assinar um contrato de fornecimento anual na ordem das 100.000 camisas e 40.000 calças e saias.

Entretanto, estão já em curso, contactos a diversos níveis, no sentido da exportação de produção de modo a dar satisfação às solicitações do mercado externo.

Para tanto, a empresa vai lançar uma campanha

de angariação de novos sócios (accionistas), tendo, para já, aberta uma subscrição de acções a todos os cidadãos nacionais residentes ou não no país, que queiram participar neste empreendimento que já é uma agradável e segura realidade.

É de esperar, portanto, uma corrida à subscrição de acções desta jovem e dinâmica empresa que promete levar, bem longe o nome de Cabo Verde e honrar a capacidade da mão-de-obra caboverdiana.

Produção de brinquedos

Uma exposição de brinquedos confeccionados, na Praia, foi inaugurada no passado dia 9, no salão do liceu Domingos Ramos, ainda no quadro das comemorações do Dia Internacional da Criança.

O Centro de Produção de Brinquedos, promotor da exposição, é uma criação do Gabinete de Estudos do Ministério da Educação e Cultura e «...o objectivo último é transformá-lo numa escola de produção» — declarou ao jornal Voz-di-Povo, Luíza

Ribeiro, chefe do referido gabinete, na abertura da exposição.

O CPB, que por enquanto só dispõe de duas salas e de quase nenhum equipamento, é um «laboratório» de experiências das possibilidades de fabrico, mesmo que artesanal, de brinquedos e jogos educativos.

A iniciativa é de aplaudir dada a carência (de preço, qualidade e quantidade) dos brinquedos importados pelas casas comerciais e o seu carácter

sofisticado e alienante. Efectivamente, os brinquedos não apareceram como um preço ao alcance da «bolsa média», mas tendo em conta que são amostras, esperamos ver nas próximas exposições os brinquedos todos vendidos, pois apresentavam-se bem confeccionados, e, especialmente, os brinquedos em madeira, são do tipo que prendem as crianças: carros de mão, cavalos, descapotáveis, quindastes, etc.



AMILCAR CABRAL

AS LIÇÕES DE PINDJIGUITI

Para isto, precisamos de reforçar a acção de obstrução dos rios que ainda servem de vias de abastecimento de certos centros, fazer face com mais eficácia aos aviões e helicópteros, reforçar o isolamento dos centros urbanos ocupados e criar uma insegurança crescente e permanente nestes centros, ou a partir do exterior ou do próprio interior.

O ano de 1969 — o da celebração, com dignidade e a certeza da vitória, do décimo aniversário do cobarde crime cometido pelos colonialistas portugueses, no cais de Pindjiguiti bem como a todos os que — sejam ou não nossos camaradas — sacrificaram as suas vidas pela libertação do nosso povo, na Guiné e nas Ilhas de Cabo Verde.

1. A ACÇÃO DO INIMIGO

Desesperados perante os progressos e os êxitos da nossa luta e da resistência heróica do nosso povo em todos os planos, os colonialistas portugueses, cujo primeiro representante na Guiné é um homem que já tinha as mãos sujas de sangue dos povos português e angolano, procuram fazer-nos o pior possível.

Desa forma, procederão cada vez mais até que sejam definitivamente expulsos da Guiné e de Cabo Verde. Devemos pois estar prontos a enfrentar sacrifícios ainda maiores, a fim de dominar com coragem todos os actos criminosos do inimigo do nosso povo e de África.

Na Guiné, quando o inimigo, com a sua falsa política, tenta desmobilizar o nosso povo por meio de falsas promessas da sua «campanha psico-social» bem como por meio de espantoso trabalho neocolonialista de uma «Guiné melhor» os seus agentes armados tentam, através dos poucos meios aos quais podem ainda recorrer (principalmente através dos bombardeamentos aéreos), prejudicar o mais possível as nossas populações e os nossos combatentes. Chegaram a queimar uma parte das nossas colheitas em Como, Corubal, Kínara e Tombali, com o fim de reduzir as populações à fome e, deste modo impedir a nossa luta. Aquando de algumas incursões e acções combinadas, chegaram ao ponto de não apenas raptar ou matar vários elementos da população, mas também de roubar arroz, gado e fruta para alimentação das suas tropas, cercadas nos acampamentos.

Relatório sobre a situação da luta, Janeiro de 1970 (Extractos).

ARMAS, QUE NOS ESTÃO MATANDO

Apelo sandinista

«Se não conseguimos nos últimos meses, desembaraçar-nos da ditadura somozista, não foi por falta de valentia nem de combate do nosso povo, porque necessitamos de armamento mais apropriado, de armamento de qualidade e em quantidade necessária para levar a cabo esta tarefa».

Nas últimas semanas, o povo da Nicarágua logrou uma das suas mais importantes vitórias: a luta contra o regime ditatorial encabeçado pelo general Somoza chegou até ao interior das chancelarias. A abertura da nova frente não se manifestou de forma espectacular, não obstante o brilho que lhe foi emprestado pelo clima pontilhado de actos oficiais em que decorreu. México e Costa Rica, em comunicado conjunto emitido por ocasião da visita do presidente Rodrigo Carazo ao seu homólogo azteca, na passada semana, declararam que a situação interna decorrente da política de genocídio praticada pelo regime, dá origem a implicações que, pela sua própria natureza, lhe retiram o carácter local remetendo-o à arena internacional.

Na mesma ocasião, o presidente Lopez Portillo anunciava o rompimento de relações diplomáticas com a Nicarágua, em consequência dos «horrendos crimes» praticados pela dinastia no poder, gesto que já havia sido precedido pela Costa Rica que, por sua vez, tornou pública a decisão de solicitar oficialmente à Venezuela e ao Panamá para que seguissem o exemplo mexicano. Ampliando ainda mais o apoio à luta conduzida pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (F.S.L.N.), o governo colombiano propunha o rompimento colectivo de todas as nações latino-americanas com a Nicarágua.

A atitude publicamente assumida por governos que, de maneira nenhuma podem ser acusados de «exportar» revoluções, não indica outra coisa

senão uma mudança na correlação de forças na região. Significa principalmente o reconhecimento da legitimidade da luta do povo nicaraguense contra a tirania. E este foi um direito duramente conquistado no campo político e no campo militar.

No campo político, uma nova etapa de luta pela libertação é inaugurada em 1961, com a criação da FSLN pelo patriota Carlos Fonseca Amador. Remanescentes das forças comandadas por Sandino e jovens de distintas origens sociais, inquietos perante a situação do país, unem-se a fim de coordenarem os seus esforços visando um objectivo único: derrubar a ditadura. Atravessando períodos de crise, que chegaram a conduzir a sérias dissensões internas, a Frente, no entanto, soube superar estes problemas. As experiências compartilhadas no campo de batalha levaram a que as tendências principais do movimento, conhecidas como «proletária», «guerra popular», e «terceira via», efectuassem em princípios deste ano, a unificação estabelecendo um só comando para todas as operações desencadeadas.

Ao mesmo tempo que os sandinistas logravam a coesão interna, diferentes sectores da sociedade nicaraguense tendiam igualmente a organizar-se em torno de plataformas programáticas mínimas. Hoje, além da FSLN, actuam no país a Frente Ampla de Oposição e a Frente Patriótica. A FAO é integrada por partidos, movimentos e associações de trabalhadores, num total de catorze organizações. Figura de des-

taque deste sector oposicionista, foi o jornalista Joaquim Chamorro, dirigente da União Democrática de Libertação, assassinado por ordem de Somoza em princípio de 1978. A sua morte originou uma série de greves e manifestações de protesto, que culminaram com uma operação em larga escala desencadeada pela Frente Sandinista. A rebelião — pois o movimento adquiriu uma amplitude tal de contestação que abalou profundamente o regime — só foi dominada pelo governo com o emprego massivo de tanques, carros de assalto e aviões de combate, além de contingentes de mercenários. Por sua vez, a Frente Patriótica Nacional agrupa cerca de dezoito agremiações políticas sindicais. Ao contrário da FAO, cujas atitudes conciliatórias frente à ditadura provocou cisões nas suas fileiras, a FPN tende a crescer.

É evidente que os interesses de classe se impõem como um divisor de águas no interior destas alianças, muito embora existam tentativas para escamoteá-los. Face à deterioração do regime, sectores das classes dominantes tentam colocar-se como alternativa estendendo a sua influência a diferentes grupos de oposição. Sobre este aspecto, a Frente Sandinista é muito clara: num recente documento onde se analisa os esforços de conjugação de forças contra a



Sandino, fundador de guerrilha na América Central

ditadura, afirma-se textualmente que esta organização, como já deu a conhecer publicamente, «não pensa depôr as armas nem pensa abandonar a luta revolucionária e armada, enquanto não exista na Nicarágua um governo de inspiração popular que responda aos interesses populares».

OS TENTACULOS DOS SOMOZAS

O apoio internacional agora logrado não seria

possível se, dentro da própria Nicarágua, o movimento de contestação ao regime não se houvesse implantado e ampliado na luta contra as bases económicas e políticas da dinastia no poder. E, abalar o poder desta família equivale a hoje, pôr em xeque o próprio Estado nicaraguense.

Alguns dados sobre a origem e a composição do sistema vigente no país, poderão indicar até onde ela estende as suas ramificações e tornará possível compreender porque mais de um terço da economia nacional se encontra em tão poucas mãos. A situação é descrita pela Frente Sandinista em documento publicado em 1976, que em nada perdeu a sua actualidade.

Por ocasião da terceira invasão norte-americana à Nicarágua, em 1933, Anastasio Somoza Garcia é nomeado director da Guarda Nacional, organismo criado pelos Estados Unidos para substituir as suas tropas. No ano seguinte, Somoza ordena o assassinato do general Augusto César Sandino, que durante seis anos combatera, de armas na mão, a presença militar estrangeira, e começa a lutar pelo poder. A primeira fase do projecto é concluído em 1936, quando derruba o presidente Juan Baptista Sacaza, seu tio, e assume os destinos do país.

Uma vez instalado na presidência, Somoza começa a carreira meteórica no mundo dos negócios. De simples herdeiro de uma plantação de café de tamanho médio, a sua família passa a deter em 1950 a maior fortuna do país. As suas propriedades são avaliadas em mais de 60 milhões de dólares aplicados em plantação de café, cana-de-açúcar, gado, construção, comércio marítimo, linhas aéreas, fábricas açucareiras, monopólios de leite, cimento, fósforos, indústria têxtil, etc. Deste império fazia ainda parte um porto no Oceano Pacífico, investimentos no exterior, depósitos na Europa e nos Estados Unidos.

Luiz Somoza Debayle, que assume o poder em 1956, em consequência da morte do seu pai num atentado e, posteriormente, Anastasio Somoza Debayle, seu filho, continuam a estender os tentáculos da família. Em

1960, ela monopolizara as indústrias de plásticos, papel, metais e estruturas metálicas, carnes, açúcar, tabaco, fibras de vidro, cimento, cloreto de sódio, pesca, têxteis e arroz. Até mesmo as desgraças que se abatem sobre a Nicarágua são transformadas em ouro pelos Somozas.

Em consequência do violento tremor de terra ocorrido em 1972, eles entram decididamente na área de construção, reinando nos sectores de concreto pré-elaborado, equipamento pesado, tetos pré-moldados, etc. Para apoiar estes empreendimentos serão organizadas empresas de seguros, urbanizadoras, companhias financeiras e ainda um banco. Em associação com o capital estrangeiro, exploram-se as refinarias de petróleo, companhias aéreas e expande-se também o tráfico de sangue humano.

Segundo ainda o mesmo documento, os membros do poderoso clã têm acesso aos fundos públicos e bancos estatais para financiarem os negócios privados. Isto é facilitado seja pelo controlo directo de organismos e instituições, seja por meio de testas de ferro, que tecem e controlam uma extensa rede de interesses sobre o país. A junção do poder económico com o poder político pode ser exemplificado da seguinte forma:

— Luis Manuel Debayle, tio do actual presidente, é director da Companhia Nacional de Força e Luz, empresa responsável pelo fornecimento de energia eléctrica a todo o país.

— Hope Portocarrero de Somoza, cidadã norte-americana e esposa do presidente, dirige a Junta Nacional de Assistência e Bem-Estar Social. Este organismo controla todos os hospitais da Nicarágua e também o Instituto de Seguro Social.

— José Rodrigues Somoza, irmão do presidente, é o Inspector Geral da Guarda Nacional onde desempenha um importante papel executivo. — Oscar Sevilla Sacaza, primo do presidente, dirige a Companhia Nacional de Seguros. — Luis Pallais Debayle, também primo, é director do jornal da família e faz parte do parlamento.

— Guillermo Sevilla Sacaza, cunhado de Somoza, é embaixador nos Estados Unidos há 33 anos.



NICARÁGUA: ne

Se acrescentarmos ao presente quadro, o facto de que, para os escalões imediatamente inferiores, cada responsável nomeia pessoas da sua estrita confiança, em geral um familiar, veremos que as relações de parentesco («compadrio») existentes estabelecem controlos não de modo efectivo pelo menos relativo nas diferentes instâncias do poder.

APOIO EXTERNO

Talvez um dos mais importantes apelos à solidariedade internacional para combater a tirania, ao mesmo tempo que uma firme determinação no caminho traçado para conseguir a libertação da Nicarágua, está contida numa entrevista concedida por Bayardo Arce, membro da Direcção Nacional da FSLN e Coordenador da Cidade e Campo, em pleno teatro de operações.

Ao analisar a situação existente no seu país, o dirigente guerrilheiro afirmou que a crise aí verificada era «uma expressão de 44 anos de regime ditatorial, durante a vigência do qual o povo esteve sistematicamente marginalizado de qualquer forma de tomada de decisão». Acrescentou que as contínuas manifestações populares correspondiam a esforços isolados em busca de uma saída para a crise política. A certa altura ele afirmava enfaticamente que a Nicarágua é um povo adulto, onde todos se encontram, todas as organizações se engajaram, numa mesma contenda para sacudir o inimigo.

No tocante ao apoio requerido para o prosseguimento da luta, Arce sublinhava a necessidade de que a solidariedade emotiva cedesse lugar a algo efectivo e concreto. Gestos de identificação com a luta tais como denúncias dos crimes cometidos e a difusão da luta em si mesma, são actos



Militarização do país, salva a dinastia somozista

meritórios, louváveis mesmo. Não obstante, o valor e importância que este tipo de solidariedade tem, ela não é suficiente, sobretudo para a situação actual. «Se tivéssemos que sintetizar em poucas palavras — sublinhou o dirigente guerrilheiro — uma mensagem ao mundo, diríamos: **ARMAS, QUE NOS ESTÃO MATANDO!**»

Esta carência de equipamento apropriado para o combate que se trava no país, será ressaltada em diferentes ocasiões. Apesar das forças patrióticas contarem com um valioso arsenal expropriado ao inimigo, a ditadura conta com um eficiente apoio estrangeiro. Recentemente, uma delegação da Frente Ampla de Oposição que se deslocava ao exterior denunciou a existência de uma operação triangular de socorro a Somoza. Para descaracterizar os seus vínculos com a ditadura, o Brasil e os Estados Unidos canalizam o material requerido através de Israel.

No caso brasileiro, esta manobra estaria ocultando a proveniência de parte dos 200 milhões de dólares facturados em 1978 pelas empresas vinculadas à produção e venda de equipamento bélico. O anúncio do volume de venda ao exterior, que coloca o Brasil na posição de sexto maior comerciante de equipamento bélico, foi feito por José Luís Whitaker, presidente da Engesa, importante empresa que se dedica à fabricação e comercialização de armamento.

Ao lado da ajuda em equipamento, há o apoio oferecido sob a forma de mercenários. Na grande insurreição verificada no ano passado, a cidade de Masaya esteve sob o controlo da população sublevada durante quatro dias. As tropas de Somoza só passaram a controlar a situação quando chegaram reforços provenientes de países vizinhos e de ou-

tras regiões. Um comunicado de guerra emitido nesta altura pela FSLN indicava que nas zonas entre «QUATRO ESQUINAS» e «SAN MIGUEL», a Guarda Nacional, ao pôr-se em fuga, havia deixado no terreno corpos de cinco soldados asiáticos.

Quem se recorda do êxodo de militares reacionários do Vietname para os Estados Unidos, quando o povo vietnamita saiu vitorioso da guerra de agressão, não terá dificuldade em identificar a origem dos mercenários mortos...

As recentes acções desencadeadas pela Frente Sandinista em todo o país, entre elas o ataque efectuado recentemente contra as residências dos Ministros da Educação e do Interior, evidenciam que, não obstante as dificuldades de toda a ordem, esta organização popular vem-se impondo no terreno da luta. Com o crescente apoio proveniente de países e governos de diferentes latitudes, a vitória não é mais um objectivo demasiado recuado. E a sua importância poderá ser avaliada ao se ter em mente que, tanto para os combatentes revolucionários da Nicarágua, como para as vanguardas de El Salvador e Guatemala, por exemplo, a ascensão popular ao poder só será efectiva na medida em que toda a região seja libertada e que a sua identidade cultural, os seus recursos económicos e o seu poder político sejam recuperados. Na década de 30, Sandino já identificava a vocação internacional dos movimentos revolucionários brotados na zona, ao declarar que «se, nos momentos actuais, a nossa luta é nacional, ela se tornará internacional conforme se unifiquem os povos coloniais e sem i-coloniais com os povos das metrópoles imperialistas», (in tempo).

Ser jovem, hoje

● por Fernando Delfim

Certamente muitos rapazes e raparigas se interrogam sobre o que é ser jovem hoje, na nossa terra, nas condições concretas em que vivemos. É normal que se interroguem também sobre a JAAC, o seu objectivo, a sua organização e, como não podia deixar de ser, sobre a personalidade dos que dizem ser da JAAC. As variantes possíveis de respostas constituem, naturalmente, motivo para integração de uns e a não integração de outros. As respostas são, por sua vez, a resultante de muitos factores que condicionam ou condicionaram a vida da nossa juventude: o seu passado (a vida que levou, os problemas que enfrentou, o efeito directo ou indirecto que o colonialismo exerceu sobre ele, etc.) que modelou, mais ou menos profundamente a sua consciência política; o significado que atribuiu à independência do nosso povo e a disponibilidade e determinação vigorosa em fazer o máximo pela terra que é nossa, vêm mais ou menos determinadas pela consciência política adquirida e que se vem adquirindo no nosso combate para uma vida cada vez melhor a mais digna.

A atmosfera sócio-psicológica-política, em que se vive, envolvendo a organização ou qualquer movimento revolucionário, é a desafiante, mais ou menos fiel, da materialização dos objectivos que a todos mobilizaram e da prática social correcta, e constitui, naturalmente, facto de extrema importância para a conservação e aprofundamento da consciência política dos que se revelaram seus portadores e para os novos integrantes, tão indispensáveis para a continuação da luta; quando se dá o contrário, a consequência é a degenerescência dos militantes, e um obstáculo que se ergue para a integração e formação de novos militantes, e a perda progressiva das conquistas que já constituíam património sagrado do nosso povo.

As questões que se levantam são, antes de mais, de carácter ideológico. É assim na medida em que se quer uma organização forte, constituída por jovens conscientes, voluntariamente decididos a participar, porque conhecedores da realidade que se pretende transformar, e porque «alimen-

tados» por uma atmosfera sã, realizadora e estimulante.

Escusado será dizer que as energias da nossa juventude, a extrema vivacidade e dinamismo ou apatia temporária, são o resultado da situação geral que se vive: não há separação possível entre a vida, os problemas gerais, da juventude e da massa do nosso povo; sem subestimar as especificidades do grupo social que é a juventude, especificidades que se revelam mais no aspecto psico-fisiológico e que, por mais reais que sejam, não separam, no fundo, as preocupações da massa juvenil das do seu povo, onde aliás vai buscar toda a força moral que lhe é tão necessária para qualquer empreendimento.

Do passado e do presente do nosso povo, buscamos as forças para ainda no presente, irmos construindo o futuro que merecemos!

Há gente que pensa ser suficiente a sua participação normal no trabalho, para construção do futuro que ambicionamos, sem necessidade de organização política. Não se pode estar em desacordo total com essa gente, já que não são os militantes que constroem o futuro do nosso povo: esse futuro, a sua construção, é privilégio do nosso povo, e demais ninguém, homens e mulheres, na sua maioria não militantes, quantas vezes heróicos e anónimos!

E se deixássemos, hipoteticamente, a construção do futuro da nossa terra unicamente aos militantes, seria, primeiro, uma ofensa para o nosso povo e, depois, construí-lo-iam mal, se tal fosse possível.

Não se pode também estar inteiramente de acordo com essa gente, na medida em que «no seu trabalho normal» nem todos dão a mesma contribuição: há os mais devotados, os menos dedicados, e há ainda os que pouco ou nada fazem. E, porque os bons, os medíocres e os maus trabalhadores não nasceram assim, e porque essas qualidades não são eternas — quer dizer que podem mudar, dependendo do processo em que se vive, do funcionamento da organização onde se está integrado, etc. — facilmente essa gente, com um pouco de esforço, po-



dia compreender toda a preocupação, a luta que se renova cada dia, para organizar a nossa juventude, enquadrar os nossos jovens, para que os melhores possam ajudar os menos capazes, pelo seu exemplo no trabalho e na vida, a se tornarem cada vez melhores, para bem, naturalmente, não do militante individualmente, mas do nosso povo: é o nosso objectivo, a raiz ideológica do nosso trabalho, da nossa organização, o nosso juramento: trabalhar para o nosso povo e só para ele.

Mas há gente, mal intencionada ou ingénua, que pode ainda argumentar que é possível trabalhar para esse fim sem organização política. Voltaremos a não estar de acordo com essa gente, e por uma razão fundamental: por este mundo fora, toda a gente diz que trabalha para o povo — é raro ou mesmo impossível ouvir o contrário, tal é a força do povo, que mesmo os seus assassinos são obrigados, para conseguir os seus objectivos, a falar em seu nome. É fácil de compreender porque todos dizem que trabalham para o povo, mas nem todos trabalham para ele. E, porque trabalhar para o povo implica, uma **definição ideológica, uma decisão política** e, porque estamos em luta temos que exercer uma vigilância permanente em relação àqueles que, ou ainda não compreenderam a razão da nossa opção (educando-os e esclarecendo-os) ou

são contra a nossa decisão de servir o povo (combatendo-os), eis a razão e a necessidade de criação de uma organização política de jovens — a JAAC — de formar militantes conscientes, de formar revolucionários que não poderão tolerar o desvio da linha que escolhemos, a de trabalhar para o povo, e que são a garantia da continuação e vitória da nossa opção. E essa garantia repousa hoje no nosso povo, mas particularmente na nossa juventude — é esse o sentido de SER JOVEM, HOJE!

NA ROTA DA JUVENTUDE DOS ANOS 60!

Não podemos ter a pretensão de meter todos os jovens da nossa terra na nossa organização juvenil; a JAAC. Seria desejável, mas impossível de conseguir. Mas parece-nos razoável pretender enquadrar o máximo de jovens, aqueles que pegam teso, na nossa organização, porque estamos convictos de que a nossa juventude não virou e não vira as costas à luta do nosso povo. Porque é uma juventude privilegiada, porque livre do colonialismo; juventude da independência, herdeira da juventude heróica dos anos 60 que, com o nosso povo, ergueu um monumento de dignidade em África numa luta de libertação exemplar. Crianças do Pindjiguiti ontem, jovens de hoje, que não foram poupados pela brutalidade colonial nos seus últimos anos, ligados com sangue, na afronta colonial, o seu destino ao do seu povo, morreram com o nosso povo nas matas da nossa terra e nas sinistras prisões coloniais.

Essa juventude que tem que pagar o seu quinhão, que não paga o seu quinhão somente «no seu trabalho normal» porque vê o seu futuro indissolivelmente ligado ao do seu povo, que nos campos e nas fábricas constrói o futuro e nas escolas se prepara para novas caminhadas, essa juventude tem que ser como quis Cabral «a dona da nossa terra».



Taça da Guiné-Bissau: Benfica-Bula amanhã à tarde na final

O Bula Futebol Clube e o Sport Bissau e Benfica defrontam-se amanhã à tarde, no Estádio Lino Correia, em Bissau, em jogo da final da Taça da Guiné-Bissau em futebol. No entanto, o Bula já conquistou, o direito de representar o desporto nacional, nas próximas competições africanas da modalidade, ao derrotar na noite de quarta-feira, em Bissau, no último jogo das meias finais, a equipa das FARP, na marcação de grandes penalidades, por 4-3, após 120 minutos de jogo, sem que funcionasse o marcador.

Apesar dos dois adversários já terem assegurado o seu passaporte para as competições africanas, o Benfica para a Taça dos Clubes Campeões e o Bula para a Taça dos Vencedores das Taças, o encontro de amanhã não deixará de se revestir de um alto valor competitivo, visto que está em jogo a Taça da Guiné, um dos mais importantes troféus do futebol nacional.

A disciplina e o desportivismo também não deverão estar ausentes neste jogo, visto que o mesmo será o espelho da actuação dos embaixadores do futebol guineense nas

competições internacionais.

Se o Benfica sair vitorioso desta final, tornar-se-á um duplo campeão. Tal proeza não surpreenderia ninguém, visto que todo o favoritismo pende a seu favor, associado à força moral que lhe confere o título nacional. Mas Bula não está menos mo-

taçar da sua actuação, visto que a equipa, no seu conjunto, actuou com a maior justeza possível, tendo o juiz da partida, José de Pina, actuado com uma personalidade íntegra, estilo que lhe é muito particular, prometendo muito para o futuro da arbitragem guineense.

acontecer na quarta-feira passada, mas agora, sem que funcionasse o marcador. As FARP, uma equipa cheia de força e de técnica e a prometer muito neste torneio, foi, com efeito, vítima do seu próprio erro técnico. A equipa não foi capaz de concretizar uma única jogada.



Esta é a equipa principal do Bula Futebol Clube. De pé, a contar da esquerda, Pier, Leonardo, Pascoal, Braima, Home, Victorino e Eduardo Alves (treinador). Em baixo: Costa, Veríssimo, Pedro Correia, Rui Casimiro e Gil (cap).

tivado, tanto assim que quererá exibir a «faixa» de vencedor do troféu nacional. Portanto, as devidas honras serão prestadas ao vencedor deste encontro.

UM «FLASH» DO JOGO FARP - BULA

Este encontro foi dirigido pelo árbitro, José de Pina, auxiliado por Graciano e Adriano Nunes. Pouco ou nada há a des-

Desde início, insistiu num sistema de tabelinhas infrutíferas. Os bulenses deram a devida réplica, e praticaram um futebol mais ofensivo e harmonioso. Mas a defensiva farpense, mais uma vez deu provas de segurança. E foi nestas andanças que após os 120 minutos, ganhou aquele que soube concretizar maior número de penaltes...

O mesmo voltou a

Interrompido o campeonato das restantes modalidades

Os campeonatos de andebol de sete (masculino), futebol-salão (feminino) e basquetebol (feminino e masculino) que decorriam pela primeira vez na nossa capital — organizados pela comissão das «Restantes Modalidades» do Conselho Superior dos Desportos — foram interrompidos devido aos problemas relacionados com a falta da luz eléctrica. Este facto — segundo apurámos junto do seu colaborador do Conselho Superior dos Desportos, é motivada pela corrente eléctrica, que não passa no quadro instalado no recinto do estádio Lino Correia. Cada uma destas modalidades contava com a participação das equipas da Escola Salvador Alende, BNG, Totobola, UDIB, Escola Amizade Guiné-Bissau-Suécia e a

do Liceu Kwame N'Krumah.

De salientar o grande empenho e vivacidade que vinham a ser evidenciados pelos jogadores (as), o que só prova que estas modalidades têm vários apaixonantes e que desejam vê-las incrementadas.

No entanto, segundo o nosso informador na altura em que as provas foram suspensas, já tinham sido disputados seis encontros.

Entretanto, no acto inaugural destes campeonatos, foi entregue o troféu de campeão e disciplina à equipa de futebol-salão (masculino) Air Algerie e medalhas de bronze a todos os jogadores da equipa campeã e ao jogador Flávio do BNG, como o melhor marcador nesta modalidade.

Desporto angolano

Os campeonatos de várias modalidades desportivas («Provinciais da 1.ª divisão», municipais e reservas na modalidade de futebol, atletismo — infantil e juvenil, e provincial de natação) decorrem de algum tempo para cá, na República Popular de Angola.

Os Provinciais da 1.ª divisão e os Municipais, (estes efectuem-se pela primeira vez após a independência) realizam-se em todas as Províncias angolanas. Os primeiros vão na 8.ª jornada, enquanto que os segundos, que se disputam só em Luanda com a participação de 30 equipas agrupadas em

três séries para a disputa do lugar cimeiro que lhe dá direito a subida à 1.ª divisão, e também o campeonato de reservas, vão neste fim de semana na 5.ª ronda.

Entretanto, para estimular os desportistas luandenses a darem o máximo de si para o bem do desporto nacional, a Associação Provincial de Futebol de Luanda, em colaboração com o «Jornal de Angola», instituiu prémios para os melhores marcadores, guarda-redes e árbitros que actuem no campeonato Provincial de Futebol de Luanda da 1.ª divisão.

Taça de Arbitros

O Sporting e o Ajuda Sport, e o Benfica e o Desportivo das FARP, vão defrontar-se a 30 de Junho e 1 de Julho, num torneio quadrangular de futebol, integrado nas comemorações do «Dia Internacional dos Árbitros», organizado pela Comissão Central dos Árbitros e patrocinado pela Federação Nacional de Futebol.

Os jogos da primeira fase realizam-se no sábado, 30 de Junho, devendo Benfica e FARP jogar primeiro, às 16 e 15, e depois Sporting e Ajuda Sport, às 17 horas. A final terá lugar no domingo, entre os vencedores.

Os bilhetes para estes encontros serão vendidos a seguintes preços: bancada-A 20 pesos, bancada-B 15 pesos, peão 10 pesos, militares 5 pesos e crianças 2,50 pesos. Os cartões de livre-trânsito não darão direito a entradas gratuitas. Apenas os elementos da informação (Rádio e Jornal) que forem indigitados para a cobertura dos jogos, terão acesso livre.

Campeonatos Regionais de Cabo Verde

O campeonato nacional da República irmã de Cabo Verde que se disputa por regiões, começou há seis semanas na Ilha de Santiago e há cinco na de S. Vicente. Nas ilhas de Fogo e S. Nicolau previam-se o seu começo na semana passada e princípios do próximo mês de Julho, respectivamente.

Os Travadores, ao baterem a equipa do Desportivo da Assomada, passaram a comandar a classificação do campeonato de Santiago em futebol com 11 pontos. O Boavista que derrotou a Académica por duas bolas a zero aparece colocado em segundo lugar com 10 pontos.

No outro jogo que contava também para a sexta jornada do mesmo campeonato, disputado no sá-

bado, o Vitória, empatou com o Desportivo da Praia a três bolas depois de ter estado a perder por 2-1 no final dos primeiros 45 minutos.

Loló do Vitória, comanda a lista dos melhores marcadores com 5 golos, mais um do que Rubon dos Travadores.

Segundo o crítico do «Voz Di Povo», os Travadores e o Boavista apresentam-se nestas primeiras jornadas do regional de Santiago como os mais regulares. Sobre o Académica, clube que viu mudar para outras equipas elementos influentes na manobra da sua equipa, afirma que atravessa um momento de crise que pode vir a comprometer seriamente as suas aspirações como candidato ao

título. Ao fim de seis jornadas, os estudantes não conseguiram marcar um único tento.

S. VICENTE

Em S. Vicente, disputou-se no último fim de semana, a 5.ª jornada do campeonato regional daquela ilha. Os resultados apurados foram os seguintes: Mindelense, 0-Académica, 1; Castilho, 1-Amante, 2; Derby, 1-Ribeira Bote, 0. Após esta jornada, a Académica passou a comandar a tabela classificativa.

FOGO

Numa reunião efectuada no passado dia 6, na ilha de Fogo, a Comissão

da Educação e Desportos, órgão responsável pelo desporto naquela ilha, decidiu que o campeonato regional de Fogo teria início na semana passada, dia 17, por se julgar que até aquela data estariam resolvidos todos os problemas referentes à inscrição e inspecção médica dos jogadores, elaboração de um calendário, etc.

Está já assegurada a participação de seis clubes a saber: Botafogo, Vulcânico, Juventude, Académico (de S. Filipe), Nô Pintcha (dos Mosteiros) e União (de S. Lourenço). A arbitragem naquela ilha é um problema preocupante por falta de elementos qualificados.

S. NICOLAU

Em S. Nicolau, o regional de futebol local deverá iniciar-se nos princípios do próximo mês de Julho. Este atraso deve-se segundo declarações prestadas ao «Voz di Povo», à lacuna criada com a demissão dos elementos que integravam a sub-comissão regional de Educação Física e Desportos e por falta de instrução da Direcção de Educação Física e Desportos ou da Comissão Dinamizadora do Desporto caboverdiano.

Entretanto, até se normalizar a situação, a JAAC assumirá a responsabilidade de organizar o campeonato com o fim de incentivar o desporto local.

Sahara Apelo da Polisário à Mauritânia

MADRID — Ahmed Buhari, representante em Madrid da Frente Polisário lançou na quarta-feira um apelo urgente ao governo mauritaniano para que este negocie a restituição da parte do território saharauí que ocupa.

Buhari, que falava numa conferência de imprensa na capital espanhola, acrescentou que «a Mauritânia e a potência extra-africana (França) que a apoia, assumirão a responsabilidade de toda a manobra dilatória ou de diversão». Denunciou «as hesitações e a falta de seriedade» das autoridades mauritanianas, e a «chantagem constante» do Marrocos.

O representante da Polisário em Madrid considerou, por outro lado, que a convocação marroquina do Conselho de Segurança das Nações Unidas não tem fundamento, «porque, afirmou, segundo a Carta da ONU, o conselho não tem competência em matéria de descolonização». Segundo Buhari, esta iniciativa marroquina faz parte de uma campanha diplomática de preparação de uma guerra generalizada da parte do Marrocos em nome do «direito de perseguição».

Ahmed Buhari declarou ainda que «contrariamente ao soberano marroquino que advertiu o rei Juan Carlos contra os perigos de um papel de mediador, a Frente Polisário deseja que a Espanha tome iniciativas para instaurar a paz e a estabilidade no Sahara Ocidental».

Buhari indicou finalmente que nada dá a entender que a posição americana sobre o problema do Sahara tenha mudado, «apesar dos intensos esforços do governo de Hassan II para implicar os Estados Unidos na guerra». (FP)

Ghana: um futuro incerto

ACCRA — A situação política e económica no Ghana, depois das primeiras eleições gerais em dez anos e a tomada do poder há duas semanas por um regime militar que o entregará aos civis dentro de três meses, é particularmente difícil.

O Ghana, que terá um presidente eleito e uma assembleia, será contudo dirigido durante este lapso de tempo pelo Conselho Revolucionário das Forças Armadas. As relações entre este regime militar e os eleitos que não dirigirão, poderão tornar a situação ainda mais incerta.

Os resultados das eleições, embora parciais, são

suficientes para dar uma boa imagem do corpo eleitoral, mostrando que nenhum partido dominará realmente na futura assembleia e que serão necessárias alianças para formar um governo. Para a presidência, nenhum dos candidatos obteve a maioria absoluta e haverá uma segunda volta dentro de três semanas. A luta será certamente cerrada entre o candidato progressista dr. Hilla Liman, de 46 anos de idade, e o candidato liberal, Victor Owusu, de 55 anos.

Nesta situação política, um candidato terá provavelmente um papel de intermédiação. Com os seus dez deputados, e os seus

100 mil votos para a presidência, o coronel Bernasko, líder do Action Congress Party, pelas suas desistências, pode decidir a cor política do futuro governo.

O futuro governo ghanense, que deverá entrar em funções a 1 de Outubro, será provavelmente de coligação e poderão surgir rapidamente divergências sobre as decisões a tomar para melhorar a situação económica do país. Desconhece-se qual seria a atitude dos militares perante esta nova situação, e em boca o capitão Rawlings, presidente do Conselho Revolucionário das Forças Armadas tenha afirmado, logo

após o golpe de Estado de 4 de Junho, que restituiria o poder aos civis. Explicara na altura que apenas desejava «limpar o país» das pessoas que, durante os precedentes governos militares, foram reconhecidos culpados de desvio de fundos públicos e de especulação.

Que farão os militares? Entregarão o poder a um regime civil, maioritário ou minoritário? Organizarão novas eleições? Exigirão que os partidos se entendam para formar um governo de unidade nacional como tinha sugerido o antigo chefe de Estado, general Akuffo? Ou manterão simplesmente o poder. — (FP)

Oposição centro-africana cria comité de luta contra Bokassa

PARIS — Os movimentos de oposição ao regime do «imperador» Bokassa I, reunidos anteriormente na capital francesa, decidiram criar um comité encarregado de elaborar uma plataforma comum de luta para derrubar Bokassa. A criação do comité foi anunciada depois de uma sessão que durou cerca de quatro horas.

Os participantes precisaram que «considerando a gravidade da situação

que prevalece em Centro-África e a necessidade de agrupar todas as forças vivas da nação a fim de derrubar o regime sanguinário de Bokassa, os quatro movimentos da oposição — a Associação Nacional dos Estudantes Centro-Africanos, a Frente de Libertação dos Banguenses (FLO) presidido pelo antigo embaixador, Sylvester Bangui, a Frente Patriótica Banguense (FPO) dirigida por Abel Goumba, e o Movimen-

to de Libertação do Povo Centro-Africano (MLPC) chefiado pelo antigo Primeiro-Ministro Ange Patasse — decidiram criar este comité».

Ange Patasse precisou que a forma, pacífica ou violenta, que tomará esta luta, dependerá das circunstâncias. «A nossa primeira etapa é derrubar Bokassa. Os outros problemas serão resolvidos entre os centro-africanos. Chegámos a estabelecer sem grandes dificuldades

uma espécie de plataforma de unidade. Não há nenhuma razão para nos reunirmos hoje a fim de derrubar Bokassa e que estejamos em seguida divididos pelo poder».

Por seu lado, o general Sylvester Bangui precisou que os quatro movimentos chegaram a um entendimento para não irem para a luta dispersos, embora conservando a sua identidade. Os participantes precisaram que entrariam em contacto com Goumba, que se encontra em Cotonu. Manifestaram também a sua preocupação pelo envio, para um campo de concentração no Zaire, das crianças sobreviventes do massacre de Abril passado em Bangui. Chamaram a atenção dos governos de diferentes países sobre «as graves consequências destas manobras».

Os movimentos da oposição centro-africana acrescentaram que várias famílias foram deslocadas para as províncias e que as autoridades distribuíram dinheiro durante a visita ao Império Centro-Africano da comissão de inquérito de magistrados africanos. — (FP)

FAO adopta plano de acção sobre a segurança alimentar

ROMA — O plano de acção sobre a segurança alimentar, proposto em Março depois da suspensão das negociações para um novo acordo internacional sobre os cereais, foi adoptado ontem em Roma, pelo conselho da FAO (Fundo da ONU para a Alimentação e a Agricultura).

O conselho, que agrupa 49 países, aprovou também uma resolução que recomenda aos 144 países membros, assim como aos organismos internacionais de crédito e

de desenvolvimento para aplicarem este plano.

Este plano de cinco pontos, proposto por Edouard Saouma, director-geral da FAO, prevê um sistema de reservas alimentares constituídos voluntariamente pelos países interessados e coordenadas no plano internacional a fim de assegurar reservas alimentares em quantidade para casos de más colheitas generalizadas.

Prevê também que os países ricos ajudarão os

países em vias de desenvolvimento a constituir e financiar as suas reservas, a ajuda alimentar será aumentada, e os acordos regionais sobre a segurança alimentar serão reforçados.

A resolução sublinha que o plano da FAO não tenciona substituir um novo acordo internacional sobre os cereais, e convidou os países participantes a ultrapassarem as suas divergências e a concluir rapidamente um novo acordo. (FP)

Refugiados: conversações Vietnam-Indonésia

DJAKARTA — Uma missão especial vietnamita chega hoje à Indonésia a fim de discutir com o governo indonésio o problema dos refugiados. A missão irá em seguida a Kuala Lumpur, Tailândia.

Estas informações foram dadas pelo embaixador vietnamita em Djakarta, Tran My, que indicou que o melhor meio de resolver o problema dos refugiados era chegar a um acordo entre o Vietnam e o Alto Comissário

riado das Nações Unidas para os Refugiados.

Tran My pediu a todos os países, particularmente aos países de acolhimento, para adoptarem uma atitude construtiva e cooperante acerca deste acordo. Manifestou a

compreensão do seu governo face a atitude dos países do sudeste asiático invadidos pela vaga de refugiados.

O embaixador vietnamita negou toda a responsabilidade do seu país no êxodo de refugiados e

acusou os Estados Unidos de serem os responsáveis deste drama, devido a sua guerra de agressão contra o Vietnam, e reafirmou a rejeição vietnamita de uma conferência internacional sobre a questão. (FP)

BRUXELAS — Paraquedistas belgas poderão ser brevemente enviados para o Zaire, a fim de substituírem os marroquinos que ali se encontram para proteger o regime de Mobutu, informou o jornal «La Wallonie». Por outro lado, fontes bem informadas indicaram que três batalhões de paraquedistas estão há 15 dias em estado de alerta. O ministro marroquino dos Negócios Estrangeiros, Mohamed Boucefta, declarou a 14 de Junho em Bruxelas que as tropas marroquinas estacionadas no Shaba (ex-Katanga) seriam retiradas nas próximas semanas. (FP)

APELO DO ANC

LUSAKA — O Congresso Nacional Africano (ANC) lançou um apelo aos produtores de petróleo para que não abasteçam mais a companhia britânica «British Petroleum» que fornece petróleo à África do Sul. Este apelo encontra-se num telegrama de felicitações enviado pelo secretário-geral do ANC, Alfred Nzo, ao presidente da Nigéria, general Olusegun Obasanjo, pela sua decisão de não fornecer petróleo ao regime racista de Pretória. «É urgente que todos os países da OPEP sigam o exemplo nigeriano a fim de cumprirem as sanções petrolíferas contra o regime do apartheid», escreveu Alfred Nzo. (FP)

DIA DOS REFUGIADOS

LUANDA — Angola celebrou na quarta-feira o «Dia do Refugiado», com a participação da Organização da Juventude Angolana (JMPLA) e diversos movimentos de libertação, entre os quais, a SWAPO, o ANC, a Frente Patriótica do Zimbábue, a FRETILIN e a «Brigada do Uruguai». Muitos refugiados entre os quais milhares de crianças, vivem actualmente em Angola. — (FP)

REUNIÃO FRANÇA-GUINÉ

PARIS — As conversações franco-guineenses, que decorrem desde quarta-feira em Paris, terminaram no dia 25 do corrente pela assinatura de novos acordos bilaterais, na presença do Primeiro-Ministro guineense, Lansana Beavogui, e do seu homólogo francês, Raymond Barre. — (FP)

Nicarágua: Estados Unidos exigem a demissão de Somoza

WASHINGTON — Um grupo de trabalho esforçava-se ontem na sede da OEA (Organização dos Estados Americanos) em Washington, para elaborar um projecto de resolução sobre a Nicarágua, aceitável para os dois terços dos países membros, depois da reunião ministerial que consagrou antontem o isolamento do regime somozista no seio da organização.

Anastasio Somoza perdeu o seu principal apoio quando o secretário de Estado americano, Cyrus Vance pediu «a substituição do actual gabinete por um governo provisório de reconciliação nacional (...) que rompa com o passado». Vance, evitou

menção ao nome de Somoza mas, na sua comitiva, precisou-se que os termos escolhidos implicam a ausência de somozistas no futuro governo. Para os observadores, isto significa que os Estados Unidos abandonam assim um regime que ajudaram a chegar ao poder há 46 anos.

Por seu lado, o delegado do Panamá, cujo país cortou relações com o regime de Somoza, anunciou que reconhecia o Governo Provisório proclamado na semana passada pelos sandinistas. O delegado panamenho contribuiu sem dúvida para o isolamento do regime nicaraguense ao fazer projectar perante os delegados da

OEA o filme que mostra a execução do jornalista americano Bill Stewart por um soldado da Guarda Nacional nicaraguense.

No meio desta hostilidade, quase geral, as atitudes divergem quanto às medidas a tomar para pôr fim à crise na Nicarágua. Os Estados Unidos e alguns países andinos são favoráveis a uma intervenção da OEA que poderia concretizar-se pelo envio de uma força de «manutenção da paz» interamericana na Nicarágua. Um porta-voz da Casa-Branca anunciou também que os Estados Unidos pretendem enviar tropas para a Nicarágua «se a situação o exigir».

Todavia, um grupo de oito países, à testa dos quais se encontra o Mé-



O isolamento de Somoza, é fatal

xico, defende firmemente um dos princípios mais invocados da Carta da OEA, o da não-intervenção.

Por seu lado, a Frente Sandinista declara que a única solução aceitável, é a instauração do governo provisório de cinco membros já criados, e a desmobilização da Guarda Nacional.

Moussa Traoré reeleito presidente do Mali

BAMAKO — O presidente Moussa Traoré foi reeleito na passada terça-feira, durante as eleições presidenciais, com 99,89% dos votos. Os 72 candidatos a deputados, recolheram por sua vez 99,85% dos sufrágios, informou ontem o tenente-coronel Sekou Ly, secretário do Estado maliano da presidência e encarregado do Interior.

As eleições presidenciais de terça-feira, preci-

3.283.985 inscritos, votaram 3.185.258 eleitores e 3.180.565 sufrágios recaíram nos candidatos apresentados pela União Democrática do Povo Maliano (UDPM), como o general Traoré.

Pela sua forte participação no escrutínio do passado dia 19, fase final do retorno ao país a uma «vida constitucional normal, depois de mais de dez anos de regime mili-



General Moussa Traoré

sou que dos 3.390.250 eleitores inscritos, só 3.302.251 votaram e 3.298.477 sufrágios exprimiram-se a favor do general Traoré. Só houve 3774 boletins nulos.

No que diz respeito às legislativas, o ministro maliano indicou que dos

tar», o povo maliano quis exprimir a sua adesão total ao programa deste partido, convencido de que os seus eleitos, com o general Moussa Traoré à cabeça, cumprirão a sua missão, afirmou ainda o tenente-coronel Ly. (FP)

Filme coreano

No quadro do mês de Solidariedade com o Povo norte-coreano, a embaixada daquele país na Guiné-Bissau em colaboração com o Instituto Nacional de Cinema, leva a efeito, nos dias 25, 26 e 27 do corrente, a projecção de filmes da República De-

mocrática e Popular da Coreia.

Assim, teremos na segunda-feira, o filme «O Inesquecível Companheiro de Armas» terça-feira, o filme «O Homem Saudoso» e na quarta-feira, será exibido o filme «Cenário Aéreo». Estes filmes coreanos serão projectados no cine-Udib.

Terminaram os seminários da divulgação do III Congresso

Terminaram nas sedes das regiões do nosso país os seminários de popularização e divulgação das resoluções do III Congresso do PAIGC, iniciados na segunda-feira passada.

Promovidos pela secção de Organização do Conselho Nacional da Guiné do PAIGC, estes seminários tiveram lugar durante quatro dias em Safim, Cantchungo, Farim, Bafatá, Gabú, Bolama e Catió, faltando ainda só Buba, que deverá começar na próxima segunda-feira.

Esses seminários regionais tiveram a participação de militantes do Par-

tido e responsáveis estatais e foram orientados por quadros do PAIGC que se deslocaram de Bissau para cada uma das regiões do país. Assim, os grupos dos quadros do Partido que orientaram os seminários foram chefiados por: Domingos Briço — Biombo; Manuel Santos — Cacheu; José Pereira — Oio; Samba Lamine Mané — Gabú; Mário Mendes — Bafatá, Pío Correia — Bolama e Chico Bá — Tombali.

O seminário que terá lugar segunda-feira em Buba, será orientado pelo camarada Mário Cabral.

Nacionalização das terras em Moçambique

MAPUTO — A IV Assembleia Popular de Moçambique tornou público na quarta-feira, projectos de lei que estabelecem a propriedade do Estado sobre as terras e os edifícios, e que permitem o comércio privado nas zonas rurais.

O texto sobre a terra sublinha que esta é propriedade do Estado moçambicano, que ela é «o direito de todo o povo» e que não pode ser hipotecada. O projecto de lei define também os deveres dos utilizadores da terra e as questões de sucessão.

O segundo projecto de lei apresentado à Assembleia Popular estabelece que só o Estado pode ter edifícios, mas pode delegar o direito de alugar de alojamentos.

O terceiro projecto prevê um financiamento público para o desenvolvimento do comércio privado nas zonas rurais, mas salvaguardando a orientação socialista da economia. Enumera também as obrigações dos comerciantes. Os funcionários do Estado não podem exercer actividade comercial, que é proibida ao sector privado nas zonas urbanas. (FP)

Conselho Nacional da UNTG reúne-se em Julho

A preparação do relatório da Comissão de Organização das Conferências Regionais e da primeira reunião do Conselho Nacional, marcaram a reunião extraordinária do Secretariado Nacional provisório da União Nacional dos Trabalhadores da Guiné-Bissau, realizada antontem na sede desta Organização.

Após uma profunda análise dos relatórios, o Secretariado decidiu convocar para 19 de Julho a reunião do Conselho Na-

cional (tendo criado uma comissão para preparar a reunião) e marcar para Setembro, a realização das Conferências Regionais de Trabalhadores.

Entre outras questões, o Conselho Nacional irá apreciar o relatório do Secretariado, tratar das directrizes para as actividades previstas, estudar questões relacionadas com a realização do Primeiro Congresso da UNTG e analisar problemas específicos dos trabalhadores.

Uganda: manifestação anti-Obote

(Cont. da 1.ª pág.)

Por seu lado, um responsável da polícia indicou à rádio que a decisão do conselho foi tomada pela maioria, durante uma votação em que participou o presidente Lule.

No entanto, o ministro do Comércio do governo de Lule, Robert Serumaga, publicou um comunicado em Nairobi, no Quênia, afirmando que «Yusuf Lule continua presidente do Uganda e não tencionava demitir-se». Segundo Serumaga, a decisão do conselho executivo da FNLU foi «inconstitucional e ilegal». Lule fora eleito por todos os delegados à conferência da

FNLU, «só este organismo pode pronunciar-se sobre um voto de desconfiança e pedir-lhe para se demitir», declarou o comunicado.

Por outro lado, em Dar-Es-Salam, as autoridades tanzanianas, que desempenharam um considerável papel no derrube do regime de Idi Amin Dada, consideram que a mudança de chefe de Estado no Uganda foi constitucional e legal. Num telegrama datado da capital tanzaniana, a agência de imprensa queniana «KNA» citou a declaração de um oficial tanzaniano que considera que os órgãos directivos da FNLU têm o direito de substituir o

seu presidente, porque eles é que representam a legitimidade do novo governo ugandês.

Entretanto, a situação normalizou-se em Kampala, onde reabriram as lojas, e as escolas e os escritórios funcionam normalmente. O chefe da polícia ugandesa confirmou que não houve incidentes ontem à noite e pediu à população para denunciar os responsáveis dos actos de violência cometidos na quinta-feira contra as forças de segurança.

APELO A UNIDADE

O novo chefe de Estado ugandês, Godfrey Bi-

naisa lançou ontem um apelo à unidade do país e afirmou que o primeiro dever do seu governo era realizar esta unidade. Binaisa revelou por outro lado que o presidente Yusuf Lule partiu para a Grã-Bretanha onde vai residir por uns tempos.

Binaisa prosseguiu afirmando que o governo e a Frente Nacional de Libertação do Uganda estão decididos a tratar de maneira digna os dois antigos presidentes do país, Milton Obote e Yusuf Lule. Receberão residências. Quanto a Obote, Binaisa declarou que não tencionava dar-lhe nenhum cargo no seu governo. — (FP)